

ENTRE AS MEMÓRIAS DA ESCOLA REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE A FAMÍLIA, A ESCOLA E A SOCIEDADE TENDO COMO CONTEXTO A FUNDAÇÃO DE UMA ESCOLA PRIVADA

Nayara Rios Sena¹

RESUMO: O propósito deste texto é delimitar os problemas e levantar hipóteses para a uma pesquisa sobre as relações que se estabelecem entre a família, a escola e a sociedade. O estudo utiliza-se da memória da autora e considerações teóricas referentes às motivações que conduziram um grupo de famílias no interior da Bahia, insatisfeitos com as escolas públicas da cidade de Mairi, a fundarem uma escola privada onde as crianças e a comunidade interna a reconhecessem como a extensão da família.

Palavras-chave: Família; Escola; Memória; Reprodução

INTRODUÇÃO

A verdadeira imagem do passado passa veloz. O passado só se deixa fixar como imagem que relampeja irreversivelmente no momento em que é reconhecido. (...) Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele realmente foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. (BENJAMIN, Walter. 1987, p.224).

As funções sociais exercidas pela família e como se articulam com a escola chamam a atenção pelas aproximações que exercem. Semelhantes no que se refere aos processos socializadores dos indivíduos e da transmissão cultural, essa relativa sobreposição de funções encobre as diferenças entre a socialização primária e a formal e a dimensão privada e pública que caracterizam e distinguem a família da escola.

A família é uma instituição da vida privada, tem suas definições marcadas por uma elasticidade no que se refere à organização dos arranjos familiares e sobre ser um espaço de convivência intensa, no interior dos quais as emoções e sentimentos podem ser expressos mais livremente do que na esfera pública. É uma unidade de reprodução social e, na maioria das vezes, biológica, com relações marcadas pelos vínculos entre as gerações. Assim, tem sido estudada na condição de *instituição complexa e diversificada, é objeto transdisciplinar marcado por múltiplas abordagens teórico-conceitual*. (Bastos, Alcântara e Ferreira-Santos 2004, p 100).

Em uma abordagem antropológica, de acordo com Cristina Bruschini (1998, p. 10 e 11), a família é uma instituição universal, diferente da escola, que é uma instituição limitada historicamente por não existir em todas as sociedades e por ser dispensável para organização da vida social de sociedades do passado e algumas sociedades indígenas do presente. É de esfera pública e suas formas de convivência são marcadas por regras formais e tem como principal função a transmissão de conhecimentos científicos. (DELVAL, 2001, p.54).

A família para ENGELS (2000, p.2 e 3) tem como fator decisivo para a história a produção e a reprodução da vida imediata. Essa produção é de dois tipos: de um lado, a produção

¹ Mestranda em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador - UCSal.

de meio de existência, de produtos alimentícios e habitação e dos instrumentos necessários para isso, do outro a reprodução do homem mesmo, continuação das espécies.

Mesmo com diferenças marcantes, as duas instituições – família e escola - são lócus das reproduções culturais, elas apartam os conhecimentos e os indivíduos, ao mesmo tempo em que os selecionam e que inculcam esquemas que contribuem para a manutenção das relações de produção e dominação dos grupos dominantes (PETITAT, 1994, p.30 e 31).

A ESCOLA DA TIA LOURDINHA

A Escola Nossa Senhora de Lourdes, instituição particular de ensino, foi fundada em 1985, em Mairi interior da Bahia, para funcionar da alfabetização à quarta série do ensino fundamental, o que só foi possível em 1990. No seu primeiro ano de existência funcionava apenas a alfabetização, com vinte e seis crianças entre cinco a oito anos, e sua fundadora, a professora Maria de Lourdes Rios Sena, fica conhecida na comunidade como Tia Lourdinha.

A escola passa a ser chamada, poucos anos depois da sua fundação, como “Escolinha da Tia Lourdinha”, reforçando a idéia da inter-relação da escola com a família. Entretanto, o que mais chama a atenção não é o título simplesmente, mas os motivos que podem estar relacionados a sua fundação.

Um grupo de famílias insatisfeitas com as seis escolas públicas da cidade, porque queriam a distinção e as públicas estavam populosas e não conseguiram fornecer os conhecimentos necessários para o ingresso das crianças nas escolas particulares e tradicionais da capital, quando “chegasse a hora”. Essa “hora” seria entre a terceira e a oitava série do ensino fundamental, pois o ensino médio era, exclusivamente, o precário curso de magistério, e cursá-lo significava excluir-se do ingresso na Universidade das carreiras que conferiam status social, como medicina, direito e engenharia. Solicitaram para a professora Lourdinha a criação de uma “boa” escola.

Para aquela comunidade, década de 80, uma “boa” escola significava uma escola disciplinadora e de valores católicos. Com deveres de casa enormes e repetitivos, ensino religioso e um currículo que se assemelhasse ao colégio Antonio Vieira ou Colégio Marista ou Colégio Nossa Senhora das Mercês, porque esse tipo de currículo significava o caminho para os futuros médicos e juizes de Direito. Mas, porque essas famílias preferiram fundar uma escolar privada ao invés de buscar melhorias para as escolas públicas?

HIPÓTESES PARA A CRIAÇÃO DE UMA ESCOLA PARTICULAR

Para Emile Durkheim, em Educação e Sociologia (2002, p. 64), a educação, *ação das gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social*, e as ações sócio-pedagógicas devem imprimir, nas crianças, elementos morais e intelectuais em harmonia com a estrutura social do momento. Para conciliar os conflitos de valores na sociedade e renovar os órgãos do conjunto social existem os diferentes sistemas pedagógicos.

Diante dessas afirmações, Durkheim verifica que a educação da cidade não é a mesma do campo, a do burguês não é a do operário. E como a escola forma para o mundo do trabalho, cada profissão constitui um meio ambiente *sui generis* que pede atitudes e conhecimentos específicos, reinando determinadas idéias, hábitos e maneira de ver o mundo. Por conseguinte, a criança deve ser preparada com vistas à função que preencherá; a educação, a partir de uma certa idade, já não é mais a mesma para todos. Assim, se as escolas que existem não atendem as necessidades de distinção das famílias, é preciso fundar uma outra.

Outra hipótese, é que a manutenção dos seus filhos e netos na escola pública poderia significar o fim da cultura de classe e a ameaça da manutenção da organização social. Os grupos se distinguem essencialmente por sua cultura de características particulares:

estilo de linguagem, roupas e decoração, certos modos e práticas rituais, temas de conversação e forma da mesma, opinião e valores e opções nos esportes, nas artes e nos meios de comunicação” (PETITAT, 1996, p.30).

E os grupos dominantes utilizam a escola para produzir e reproduzir a sua própria definição de cultura e para impor como legítima essa definição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das questões e hipóteses levantadas, é preciso sistematizar algumas concepções sobre as razões da criação da escola e quais as relações que se estabelecem entre família, escola e sociedade que podem ser validadas ou não, durante a pesquisa. São elas:

- A concepção de que a escola complementa e dá continuidade às atribuições e valores inicialmente desenvolvidos pela família.
- A percepção da família e da escola como instituições produtora e reprodutora da sociedade
- A escola como espaço que favorece o sentimento de pertencimento e identificação com o grupo.
- A preocupação de escolher uma escola que permita a manutenção ou futura ascensão da classe social das crianças,
- A crença das famílias de que através da instituição escolar se pode reservar um lugar de destaque no mundo do trabalho.

Para investigar os problemas levantados e verificar as hipóteses, é fundamental a utilização de entrevistas e realização de grupos focais como formas metodológicas. Essas escolhas visam resgatar a memória coletiva e individual das famílias que compunham a comunidade interna nos dois primeiros anos da fundação da escola Nossa Senhora de Lourdes.

Fundamentada na idéia de que através do estudo da memória é possível recompor a relação passado/presente, porque, de acordo com Pierre Nora a memória não faz rupturas entre passado/ presente e representa aquilo que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém (D’ALÉSSIO, 1993, p. 99), será possível demonstrar a importância da memória na pesquisa histórica e na análise sociológica dos problemas envolvidos.

Entretanto, é preciso ressaltar as diferenças entre memória de história:

Segundo Nora a memória é um processo vivido, conduzido por grupos vivos, portanto, história, em contrapartida, é registro, distanciamento, problematização, crítica, reflexão. Grupos de memória “habitam” suas lembranças, repetindo religiosamente aquilo que é e sempre foi (tradição). A história enquanto operação intelectual, dessacraliza a memória, sugere o autor (D’ALÉSSIO, 1993, p.101).

Atenta às diferenças citadas e reconhecendo o valor da memória para a compreensão e o resgate da construção dos processos identitários, utilizo a minha na marcação de dados sobre a história da escola, “meu tempo vivo”, como afirma e ressalta Eclea Bosi para, mesmo que

timidamente, tornar o meu olhar sobre o objeto de pesquisa mais crítico, aproximando-se do científico.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da Memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRUSCHINI, Cristina. **Uma abordagem sociológica da Família**. São Paulo: Revista Brasileira de Estudos e População, v.6. jan/jun., 1989

D'ALESSIO, Márcia M. **Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora**. Revista Brasileira de História. São Paulo: Marco Zero, setembro/92, agosto/93.

DELVAL, Juan. **Aprender na Vida e Aprender na Escola**. Porto Alegre : Artmed, 2001.

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Séries, 2003.

ENGELS, F. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

PETITAT, André. **Produção na Escola, produção na sociedade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.